

UGT - UNIÃO GERAL DOS TRABALHADORES

Ricardo Patah

Bom dia, amigos e amigas.

Quero primeiro fazer um cumprimento que é o meu mantra, sempre faço: em nome da Juvândia, vamos cumprimentar as mulheres. Viva as mulheres do Brasil!

Quero cumprimentar toda essa mesa maravilhosa, cumprimentar esse povo extraordinário, a nossa diretora técnica Adriana, o antigo diretor técnico Fausto, que aqui está, o antigo diretor técnico, que é o Clemente, que também está por aqui. Cadê o Clemente? Está aqui também, não está? E quero cumprimentar, com muito orgulho, o primeiro presidente do DIEESE, comerciário, meu amigo Gonzaga. Parabéns, Gonzaga.

E aí, até quando foi dito que algumas entidades conseguiram o recurso, na realidade quem conseguiu foi o Gonzaga. Você, Gonzaga, é terrível.

Mas eu quero, antes de fazer alguns comentários gerais, no tempo curto, falar um pouco do DIEESE e da experiência que nós tivemos, Nilza, há muitos anos atrás. O Clemente era o diretor técnico.

E aí resolvemos fazer uma pesquisa. E eu ia fazer a pesquisa com o Ibope, viu, Marcela? Mas aí o Clemente falou: “Escuta, mas o DIEESE é de vocês, como é que vai fazer com o Ibope?”. Aí fizemos uma pesquisa com o DIEESE — está aqui a nossa professora — e, com o DIEESE, constatamos aquilo que sempre achávamos sobre várias questões relacionadas aos comerciários.

Mas uma delas, que é a mais grave, é a questão do racismo. E, nessa pesquisa, detectamos que, realmente, além de não contratarem negros no comércio, quando contratavam, pagavam 60% do salário de um trabalhador branco. É possível isso, não é?

E, graças ao DIEESE, fizemos o primeiro acordo no Brasil de inclusão do negro. Viva o DIEESE!

Mas, pessoal, o tema é o que fazer para melhorar o salário. Esse é o tema. Eu acho que é muito fácil: é votar no Lula ano que vem. Vamos votar no Lula. Vamos votar nele.

Porque acho que, assim, nós vamos dar continuidade às políticas que nós construímos. Quando fizemos a CONCLAT, em 2022 — e este ano vamos fazer de novo, em Brasília —, elegemos várias questões, porque o povo nos vê como carregadores de bandeira. Podemos até carregar. No domingo, inclusive,

nós vamos à Paulista. Você vai lá, né, Neto? Vamos lá. Então, todo mundo está convidado a ir à Paulista: sem anistia, aquelas pautas maravilhosas nossas, carregando bandeira. É lógico.

Mas sabemos construir as bandeiras. E, em 2022, construímos várias bandeiras. A política de valorização do salário mínimo foi uma delas. É extraordinária.

A política de igualdade salarial entre homens e mulheres também está lá. E a isenção do Imposto de Renda para salários de até R\$ 5 mil, como já foi dito, foi uma vitória extraordinária.

Temos aí também, como já foi dito, e é uma das campanhas pelas quais temos que lutar muito, a redução da jornada de trabalho. Olha, o Senado aprovou. O Senado já aprovou. E nós vamos ganhar essa batalha, nós, trabalhadores, e acabar com a escala seis por um.

Essas questões todas valorizam, com certeza, o salário dos trabalhadores. Porque, aliado a isso, nós vamos lutar muito por uma qualificação e capacitação adequadas, por conta do mundo tecnológico em que estamos vivendo.

Eu sou comerciário. No comércio, há tantas questões acontecendo: e-commerce, teletrabalho, aplicativos. Você vai ao supermercado hoje e 60% dos caixas já não têm mais pessoas atendendo.

Nós precisamos nos adequar a esse mundo novo que está sendo construído e formalizar ações fundamentais para incluir as pessoas.

Hoje, estamos vivendo quase um pleno emprego, graças às políticas que aí estão instaladas. Mas temos muitos desafios.

Temos o tal do Trump, e o Lula mostrou quem é Lula, porque até o Trump agora gosta do Lula. Olha que loucura.

Então, para essas mudanças que estão por vir, nós precisamos nos preparar. No passado, Adriana, nós até comentamos — tanto com o Fausto quanto com o Clemente, e também com você — que a qualificação é fundamental.

Nós temos que qualificar, por exemplo, as pessoas que estão nos conselhos. Existem tantos conselhos por aí, e as pessoas, muitas vezes, não conseguem se posicionar de forma adequada dentro deles sobre o que é bom para todos nós.

Então, eu acho que o DIEESE é um instrumento poderoso nesses 70 anos. Você está com 70 anos, Adriana? É você ou o DIEESE? O DIEESE, né? Setenta anos. Eu já estou com 72. Como passa, não é? Você também, né, Neto?

Setenta anos é uma vida extraordinária. É um legado que nós temos que deixar. E o DIEESE, com certeza, é um instrumento poderoso para que a gente possa consolidar as nossas bandeiras, as nossas construções e fazer com que os trabalhadores, os nossos representados, tenham, com certeza, as consequen-

ências positivas desse debate.

Nós temos também um tema interessante. O Vítor participou muito conosco, o Gonzaga também, na política dos salários regionais. São cinco estados e, aqui em São Paulo, nós conseguimos crescer 10% acima da inflação.

Porque tanto a questão do salário mínimo quanto as políticas nesses estados empurram, pelo menos, as negociações do movimento sindical. E este ano, como no ano passado, os resultados são muito positivos para o movimento sindical.

Porque aí está um instrumento poderoso, que deixei para o fim, na minha concepção: a negociação coletiva. É a capacidade do sindicato de fazer com que a sua classe, os seus representados, tenham aquilo que esperam, pelo menos uma vez por ano: aumento salarial e benefícios conquistados pelos trabalhadores. E eu tenho aqui, como modelo, o modelo dos bancários. Os bancários realmente têm uma política que acho que deve ser copiada por todos nós. A Juvândia pode até nos ajudar nisso.

Todo mês de setembro, para todos os trabalhadores, independentemente da central sindical da qual participem, há conquistas garantidas todos os anos no mês de setembro. Isso, para mim, é fundamental. Eu acho que o DIEESE também pode nos ajudar a iniciar um processo de construção para que as categorias tenham uma negociação nacional em uma mesma data-base.

No comércio, nós vamos tentar — já estamos falando com algumas empresas nacionais — construir um piso para todo o Brasil na área do comércio. Acho que isso é um começo, porque, dessa maneira, nós vamos construir aquelas questões fundamentais da inclusão, da cidadania, da igualdade de oportunidades e dar ao trabalhador o que ele espera.

E, por fim mesmo, uma crítica. Todas as centrais têm servidores públicos, algumas têm mais. E nós nos orgulhamos dos servidores que representamos. Eles carregam o nosso país, isso é verdade. E, principalmente os municipais, ganham uma miséria e trabalham muito.

Mas nós temos que pôr a mão na ferida. Não podemos permitir um Brasil de castas. Um Brasil onde, por exemplo, no caso do Judiciário e do Ministério Público — nada contra as pessoas que fazem o bem para o Brasil — haja gente com mais 60 dias de férias, mais recesso, e ganhando R\$ 200 mil por mês acima do teto.

Acho que temos que pôr a mão na ferida, porque todos somos iguais. Não podemos ter um comerciante ganhando R\$ 2.500 por mês e outro ganhando R\$ 200 mil, sem justificativa para tamanha diferença.

Essa é a proposta da UGT e, com muito orgulho, estamos aqui na comemoração dos 70 anos do DIEESE.

Viva os trabalhadores!